

Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP
Licenciatura em História
Trabalho de Conclusão de Curso

**INDIGENISMO E MOVIMENTO INDÍGENA NO FESTIVAL DE PARINTINS:
DIÁLOGOS E TENSÕES**

Paulo Colares Tokuta
Orientador: Prof. Dr. Diego Omar da Silveira

Resumo: Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realiza um breve estudo sobre os diálogos e tensões entre o indigenismo e o movimento indígena nos espetáculos dos Bois-Bumbás de Parintins (Caprichoso e Garantido). O foco é analisar como essas interações impactaram as representações dos povos indígenas levadas para o Bumbódromo. A pesquisa investiga como a figura indígena (e sua produção) se tornou uma força expressiva central da identidade regional. Essa dinâmica transformou o espetáculo, que migrou de aspectos puramente folclóricos para abordagens mais críticas e criativas sobre as cosmologias e realidades dos povos indígenas da Amazônia. O TCC visa entender como o indigenismo constrói essas representações e, fundamentalmente, como ele abriu espaço para um crescente protagonismo indígena nesta festa popular, contribuindo para uma compreensão aprofundada da relação entre cultura, política e identidade na Amazônia.

Palavras-chaves: Indigenismo, Festival de Parintins, representação indígena

INTRODUÇÃO

Entender a relação indígena com a não indígena pelas questões da identidade, cultura e política partindo pelo olhar acadêmico, pesquisando e refletindo a história por exemplo através de áreas do conhecimento como e o caso da antropologia, pode-se compreender os estudos e pesquisas acerca do indigenismo que foram desamarradas ao longo de trajetórias, ou seja não e de hoje que essa busca ocorre pra entendemos essa relação quem vem desde o período colonial.

Esse conhecimento traz com uma visão diferente do que era feito décadas atrás, porque sempre se atualiza, nada e estático, mas mutável, uma atualização das áreas de conhecimento, das modificações dentro da sociedade, de uma nação e sua história.

O indigenismo nos faz refletir como a representação indígena desde os tempos da colonização, influencia a nossa sociedade até hoje, tanto na forma como a identidade indígena é construída e percebida, quanto nas lutas por direitos e reconhecimento.

Nesse sentido busca-se analisar como essas relações influenciam as representações sobre os povos indígenas apresentadas no Bumbódromo pelas agremiações Caprichoso e Garantido. Dentro desse contexto o projeto discute os conceitos de indianismo, indigenismo e movimento indígena, analisa as transformações nas representações dos indígenas nas toadas, a participação de indigenistas nos quadros de compositores, a presença de indígenas nos quadros artístico e o seu impacto nas representações cosmológicas e culturais.

Segundo Cavalcanti (2022) “Esse conjunto de elementos tornou-se a um tempo canal de divulgação da festa e mediador decisivo para a adesão de novos brincantes a um dos grupos de boi e, por conseguinte, para a popularidade do evento. Essas abertura e expansão de temáticas reverberaram como uma bem-sucedida estratégia de divulgação da festa que, por sua vez, encontrou ampla ressonância regional, nacional e internacional.”

Busca entender como essas representações mudaram ao longo do tempo, como essas dinâmicas de interação entre indigenistas e indígenas são fundamentais para essa análise. Acreditamos que esse estudo pode contribuir para a compreensão da cultura e da história dos povos indígenas sendo assim importante para a área de estudos culturais e indígenas. Além de contribuir para a discussão sobre a representação indígena na cultura popular.

Sobre o movimento indigenista

Há meio século os povos indígenas começaram a se organizar e lutar pelos seus direitos, marcado pela mobilização ou resistência contra por exemplo a exploração e grilagem, como é o caso da marcha da década de 90 que reuniu várias etnias. Depois da redemocratização foi implementada a constituição federal de 1988, e suas escritas, reconheceu os direitos dos povos indígenas à posse de suas terras, preservação de suas culturas e participação política. Embora esses direitos não fossem de cara respeitados, essa constituição se mostrou um grande avanço em suas lutas.

Os indigenistas são profissionais não indígenas (maioria) e indígenas, que de uma forma poética lutam para que os povos ecoem suas vozes para fora de seus territórios.

Tem um papel fundamental que envolve abordagens interdisciplinares, combinando conhecimentos históricos, antropológicos, sociológicos, políticos e jurídicos. Então ele fica responsável de atuar em diversas frentes, como na defesa dos territórios, na viabilização as saúde e educação indígenas, na proteção dos direitos humanos e na articulação de políticas públicas que possam beneficiar os povos. Também a maioria dos profissionais argumentam que pode trabalhar (apoio) em parceria das próprias comunidades indígenas.

No entanto o papel do indigenista pode ser visto como problemático, uma vez quando seu papel não é exercido de forma respeitosa ou sensível às tradições indígenas. Há casos em que o indigenista foi visto como uma espécie de salvador de um povo, perpetuando relações de poder desiguais e paternos. As dinâmicas de poder e trabalho devem ser colaborativas com as comunidades, tendo esse reconhecimento se suas autonomias. Um dos principais desafios enfrentados pelo indigenista no caso do trabalho na prática e a necessidade de equilibrar a defesa dos direitos indígenas com respeito a autonomia das outras comunidades, e ele pode intermediar a união dessas comunidades com o estado, que pode gerar tensões. Exemplos de indigenistas conhecidos: Ailton krenak e Darcy Ribeiro.

O conceito de indigenismo é multifacetado, é um movimento cultural e político que defende os direitos e interesses dos povos indígenas, buscando promover a igualdade, a justiça e o respeito às suas culturas e identidades. Esse movimento surgiu no século XX como uma resposta à longa história de opressão, exploração e violência contra os povos indígenas, que foram submetidos à colonização, escravidão e marginalização (exemplo na política pombalina).

Assim sendo, o indigenismo é uma forma de resistência, permitindo que os povos indígenas sejam ouvidos e respeitados para com suas demandas, onde busca promover a autonomia e a autodeterminação dos povos indígenas, permitindo que eles gerenciem suas próprias vidas. Nesse sentido com o tempo essa devolução da voz aos povos indígenas gerou um desdobramento nas ações dos movimentos. A religião, a política, a academia, a literatura e outras instituições muito se integram a essas discussões e abordagens. São diversos estudos e publicações a respeito do indigenismo que começou com um diferente nome/conceito e mudou por conta de desdobramentos sobre muitos pontos de vista e controvérsias que podem permear até a atualidade. Nos estudos e visto de forma diversa, dependendo do contexto histórico, cultural e político, mas a maioria em suma diz respeito pela luta indígenas (diversidade), direitos e terras. O indigenismo incide sobre a diversidade cultural dos povos indígenas visando promover a preservação e valorização de suas línguas, tradições, crenças e práticas, onde também busca promover a inclusão e a participação dos povos indígenas na sociedade, combatendo a exclusão e a marginalização. Além disso, o indigenismo já é uma forma de resistência cultural e luta. Resistência porque permite que os povos indígenas mantenham suas identidades e culturas vivas, apesar dos apereios. E luta porque e pela sobrevivência e pela preservação da diversidade cultural, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa.

Breve histórico do indigenismo no Brasil

A era de Marquês de Pombal, durante o século XVIII, marca um ponto de virada na forma como a Coroa portuguesa lidava com os povos indígenas. Diferente do período colonial anterior, que muitas vezes via os indígenas apenas como mão de obra escravizada ou alvos de catequese jesuíta, Pombal introduziu uma série de reformas com o objetivo de centralizar o poder e modernizar a administração colonial. A principal mudança foi a promulgação do Diretório dos Índios (1755). Esse conjunto de leis, embora tenha extinto o poder dos jesuítas sobre as missões e aldeamentos, não significou uma total libertação para os indígenas. Pelo contrário, o objetivo era integrá-los à sociedade colonial como cidadãos portugueses, mas de uma forma que servissem aos interesses econômicos e políticos da Coroa. O Diretório dos Índios tinha duas faces: A "civilização" forçada" e a "proteção" e a exploração.

O legado de Pombal é ambíguo. Por um lado, houve um avanço formal na proteção contra a escravidão. Por outro, a política de assimilação cultural e a expropriação de terras contribuíram para o apagamento das identidades indígenas e a marginalização social que

vemos até hoje. O Romantismo no Brasil, especialmente com o indigenismo romântico, idealizou a figura do indígena como o chamado "bom selvagem", herói nacional e símbolo da pureza em oposição à corrupção europeia. Essa visão, presente em obras como "O Guarani" e "Iracema", de José de Alencar, contribuiu para a construção de uma identidade nacional baseada em mitos, mas que na maioria das vezes ignorava as culturas e lutas reais dos povos indígenas.

Durante a Ditadura Militar, o indigenismo foi cooptado pelo Estado. A Fundação Nacional do Índio (Funai) foi criada, mas muitas de suas ações serviam aos interesses de grandes projetos econômicos, como a construção de estradas e hidrelétricas, que invadiam e destruíam terras indígenas, como o caso dos Waimiri atroari no estado do Amazonas.

Nesse período, a representação indígena foi novamente instrumentalizada para justificar políticas que, na prática, beneficiavam o desenvolvimento econômico em detrimento dos direitos dos povos originários. Hoje, a própria representação indígena está mudando. Com a ascensão de líderes e intelectuais indígenas, a narrativa está sendo reescrita por eles mesmos, de dentro para fora como o caso de Davi Kopenawa. A luta agora é pela autodeterminação e pelo reconhecimento de sua diversidade cultural, enfrentando o apagamento histórico e a violência que ainda persistem. A representação não é mais uma idealização, mas um instrumento de resistência e de afirmação de sua identidade.

Stuart Hall (1997) entende a cultura como uma forma dinâmica de construir significados e identidades, um processo contínuo e histórico, moldado por representações e sistemas de linguagem. Para ele a cultura não é algo fixo mas sim uma celebração móvel que conecta o passado e o futuro das nações e dos indivíduos, influenciadas por relações de poder e a realidade da globalização, resultando em identidades fluidas e híbridas.

Um breve estudo histórico no festival dos boi bumbás de Parintins

O Festival de Parintins é a celebração que envolve o "auto do boi" dos bois bumbas caprichoso e Garantido com a cultura local nortista (cabocla e indígena), relação essa que diferencia dos demais bumbas de outros cantos do país, como o caso do bumba meu boi do Maranhão. O folguedo quando saiu das suas apresentações em ruas e terreiros e foi transferido ao bumbódromo tem sido palco de tensões e diálogos entre os organizadores, participantes e os próprios indígenas quando o ímpeto indígena é adicionado no evento. Fato esse que passou por processos de transformação envolvendo política e disputas.

Um dos principais pontos de tensão é a questão da representação indígena no festival. Ao longo do tempo, muitas comunidades indígenas locais ou regionais sentiram/sentem que o festival não os representou/representa de forma adequada e que os organizadores não os buscam talvez o suficiente sobre a forma de apresentação do evento, a questão e que atualmente essa caracterização é pra deixar os olhos dos telespectadores ao deleite, mas que na realidade o indígena urbano ou de seu lugar esteja em outra realidade. Além disso, alguns indígenas podem criticar a comercialização da cultura indígena no festival, argumentando que isso poderia desrespeitar suas espiritualidades, tradições e realidade.

Outro ponto de tensão é a questão da participação indígena no festival. Embora o festival seja uma celebração da cultura indígena, muitos indígenas sentem que não têm espaço para se expressar e participar de forma significativa no evento. Além disso, alguns indígenas criticam a falta de infraestrutura e apoio para os participantes indígenas, o que pode dificultar sua participação no festival. Apesar dessas tensões, o Festival de Parintins também é um espaço que poderia possibilitar o diálogo entre as comunidades indígenas com os não indígenas.

Por outro lado, vemos que muitos indígenas participam do festival como dançarinos, músicos (compositores), artesãos, na própria comissão de arte e organização. Criando oportunidades para eles compartilharem sua cultura e tradição com um público que vem de muitos lugares, e para eles um espaço de resistência e luta pela preservação da cultura indígena e dos direitos indígenas. Cavalcanti (2000) aborda que o festival dos boi bumbas de Parintins (AM) alcançou nos últimos anos dimensões massivas, conjugando, de modo inesperado e criativo, padrões e temas culturais tradicionais a procedimentos e abordagens modernizantes. E visto o festival como uma grande meio para expressar e chamar a atenção para as questões que afetam suas realidades, não só apresentar nas três noites, mas representar, dar significado.

É importante lembrar que também é um espaço de celebração, resistência e luta pela preservação da cultura e dos direitos indígenas. Um exemplo notório e das representações nas toadas de Caprichoso e Garantido que contam histórias reais e lendas. Os compositores João Melo e Ronaldo Barbosa abordam e suas composições temas variados sobre os temas descritos de lendas, das cosmologias, do cotidiano, de suas lutas.

Segundo Nakanome (2007) “É, nesse contexto, que são inserido o novo -índio, constru-ido no imaginário do artista parintinense, que transforma o “índio folclórico”, lúdico de plumas coloridas, no “índio espetacular”, de efeitos high tech, da estética do

superlativo como o próprio espaço em qual está inserido e poss-ível promotor de uma nova consciencia pol-ítica e identitária.” E um tema que envolve muitas questões, como a representação, a participação, a questão da e preservação da cultura indígena. É um tema que requer um diálogo amplo e profundo entre as comunidades indígenas e não indígenas, e que exige uma abordagem respeitosa e sensível às questões indígenas. A questão da apropriação cultural e muito discutida nos dias atuais. No sentido macro o Festival de Parintins é um folguedo que pode ser visto como um microcosmo da sociedade brasileira, com todas as suas contradições e desafios. É um evento que reflete as tensões entre a cultura indígena e a cultura não indígena, e que exige uma abordagem que respeite e valorize a diversidade cultural, ou seja é um tema que envolve muitas questões complexas. É um tema que requer um diálogo amplo, e que exige uma abordagem frente às questões indígenas.

Os indigenistas que trabalham com a questão indígena no Festival de Parintins são vistos de maneira diversa, dependendo da perspectiva e do contexto, seja ele local, acadêmico, folclorista, antropológico. Muitos são vistos como defensores dos direitos indígenas e da cultura indígena, trabalhando para garantir que os indígenas sejam representados de forma respeitosa e que seus direitos sejam respeitados. Uns dos principais desafios que os indigenistas enfrentam no evento é a questão da própria representação indígena. Para superar esse desafio, os indigenistas que trabalham no festival visam estabelecer uma comunicação mais eficaz e inclusiva, e não só os indigenistas, mas toda a equipe das agremiações todos os anos fazem esse feedback em conjunto. Por exemplo eles viajam até uma etnia para estudar suas tradições e elaborar um diorama para distribuir sua ideias. Os indigenistas também visam promover a educação e conscientização sobre a cultura e os direitos indígenas mesmo que não seja direta, mais indiretamente. A educação e a ponte para visibilizar a compreensão entre as diferentes culturas. Os indigenistas que estão no festival buscam se comprometer em promover cultura indígenas e defender uma celebração da cultura indígena, seja ela nas toadas, alegorias, lendas, danças etc.

Entender os movimentos indígenas a partir da relação indigenista com o festival de Parintins

Falar de um tema que remete aos povos originários e falar da importância dos movimentos que ao longo do percurso tem enfrentado grandes desafios aqui no Brasil. Se fala de um assunto muito perto no tempo da contemporaneidade, no século passado, onde

eles enfrentaram situações dramáticas, o corte de suas regiões (suas representações de identidade foram desorganizadas), construção de rodovias e exploração de recursos naturais, essa tem a ver com a implementação de uma política de integração nacional (assimilação cultural) que visava civilizar-los, mas suprimiu todas as suas conquistas. Foi um passo para trás, uma injustiça anunciada.

O indigenismo embasa a luta dos movimentos como uma ferramenta de como enxergar ou parar para pensar para a construção e interpretação de acontecimentos. Pegarei por exemplo, a interações de como órgãos que defendem os indígenas se modificaram ao longo do tempo. Desde que foi criada na década de 60 a FUNAI (Fundação nacional do índio) com o objetivo de proteger os direitos indígenas e promover sua integração na sociedade brasileira, e criticada por suas abordagens, na qual dava a entender que recepcionavam e tratavam as etnias como se não tivessem juízo ou seja, incapazes de tomar decisões por si mesmos, ainda mais por exemplo em uma época sombria da História do país: a ditadura militar. Foi onde os povos indígenas “invisibilizados” sofreram com massacres e retiradas, como e caso dos Waimiri-Atroari, Kayapós, Tikuna e Yanomami no AM.

O Festival de Parintins, embora celebre a cultura indígena, também levanta discussões sobre o indigenismo como um conceito. A representação que o festival promove, por ser estética e espetacular, pode correr o risco de de folclorizar a identidade, onde a figura do indígena se torna parte de um espetáculo, muitas vezes desvinculada das lutas de muito tempo e realidades contemporâneas. O que se vê no festival é a beleza da cultura, não a violência, a pobreza ou a falta de direitos que muitos povos enfrentam.

Outra questão é o apagamento da diversidade, onde o festival tende a criar uma imagem homogênea do indígena da Amazônia, misturando elementos de diferentes etnias em uma única figura. Isso pode ofuscar a vasta diversidade cultural, linguística e social dos mais de 300 povos indígenas que existem no Brasil. Nakanome (2017) aborda que “Convém observar que, na concepção da personagem para a formatação do espetáculo, os bumbás se valem da realidade para, assim, denotar características na diferenças entre um -índio personagem de uma etnia para outra etnia, dentro dos quadros apresentados.” O festival dos bumbas, nos faz pensar sobre como o indigenismo se manifesta na cultura popular: ele é capaz de criar uma imagem poderosa, de celebrar e valorizar a herança indígena, mas, ao mesmo tempo, pode transformar a complexa realidade dos povos originários em um show, reforçando a ideia de que eles pertencem mais ao passado e ao mito do que ao presente.

A representação indígena no Festival de Parintins: Os indigenistas das agremiações Boi Bumbá Caprichoso e Garantido

O Festival Folclórico de Parintins tem na cultura indígena a sua essência viva e grande fonte de inspiração, sendo um pilar da identidade amazônica. Os povos originários inspiram e são protagonistas nas alegorias, toadas e coreografias dos Bois-Bumbás, Caprichoso e Garantido. As etnias simbolizam a sabedoria antepassada, a força e o equilíbrio com a natureza. Figuras como o Pajé, a Cunhã-Poranga e o Tuxaua carregam um profundo simbolismo espiritual. As encenações recriam lendas e histórias de resistência, utilizando uma estética rica em penas, pinturas e grafismos tribais, que funcionam como uma linguagem visual de homenagem.

Segundo Nakanome (2017) a construção do signo índio no festival se vale de inúmeras fontes nas quais a toada e destaca como um dos instrumentos mais difusores de pensamentos e ideologias, reafirmando conceitos que a partir da sua materialização passam dominar o imaginário popular reproduzido em festas regionais do norte amazônico onde os artistas dos bumbás apresentam seus trabalhos seja ele alegórico ou figurino. Nos últimos anos, há um movimento crescente para garantir o protagonismo direto dos indígenas, transformando o festival em uma plataforma para a defesa de seus direitos e territórios. Ao colocar os povos originários no centro da celebração, o evento reafirma que a cultura amazônica é fundamentalmente indígena.

A disputa entre os bois-bumbás Garantido e Caprichoso, tem o indígena como uma de suas figuras centrais, mas essa representação é complexa e cheia de camadas. As apresentações resgatam lendas e mitos de povos originários da Amazônia. Os gigantescos carros alegóricos frequentemente retratam cenas de rituais ou guerreiros indígenas que são produções grandiosas e cheias de detalhes, o que cria um espetáculo visual impressionante. O coletivo indígena são representadas por dançarinos que, com suas coreografias e figurinos, recriam movimentos de caça, danças rituais e expressões de guerra. O uso de penas, pinturas corporais e adereços é uma forma de homenagear a estética indígena, mas muitas vezes de maneira estilizada e folclorizada.

As canções, chamadas toadas, narram lendas, falam sobre a natureza e a vida dos povos indígenas. Elas exaltam a força, a resistência e a conexão com a floresta, o que ajuda a popularizar e perpetuar essas narrativas. Nesse contexto entra a reprodução dessas canções feitas por compositores, folcloristas e indigenistas. Estudiosos da representação indígena, que buscam história e antropologicamente dá ênfase as suas pesquisas que se

transformarão em temas pra as três noites de apresentação. Há muitos produtores de destaque, na qual foram alguns dos pesquisados para este trabalho.

Biografia do compositor do Caprichoso, Ronaldo Barbosa

Ronaldo Barbosa nasceu em Campina Grande, na serra da Borborema. Cresceu na região do Pajéu , onde ainda menino aprendeu a recitar em cordéis com versadores e cantores. No final dos anos 70, chegou a Amazônia, trazendo consigo a sensibilidade do Nordeste e a inquietude e um artista em busca de propósito. Fixou residência em Parintins durante seu trabalho na FUNAI, imerso nas vivências com comunidades originárias. Dessa convivência nasceu a paixão pela floresta e seus povos, um encantamento que logo se transformou em missão. Como compositor comprometido Ronaldo introduziu em suas toadas temas inéditos até então: Sabedoria Ancestral, espiritualidade ribeirinha, ecologia sagrada, preservação ambiental, cultural e étnica. E o criador do toque de ritual “*Hurequei*” (*Ritual Karajá*). É um mestre da cultura popular brasileira, cuja vida se entrelaça com os cantos da floresta, a sabedoria ancestral dos povos originários e a vibração do Festival de Parintins. Atuando desde os anos 1980 como pesquisador e agente cultural, ele foi um dos primeiros a levar a temática indígena para o centro da arena, transformando toadas em manifestos poéticos de identidade e resistência. Ao longo de mais de três décadas, tornou-se referência incontestável na música amazônica, inspirando novas gerações com suas melodias, suas poesias e sua missão de eternizar a alma do povo da floresta fortalecendo sua identidade cultural.

Biografia do indigenista do Garantido, João Melo Faria

João Melo Farias, conhecido como "João Melo", é um indigenista e compositor brasileiro, famoso por suas toadas no festival de bumbás Garantido. Ele nasceu em Parintins, Amazonas, e se criou em uma comunidade rural chamada Itaboraí, nas margens esquerda do rio Amazonas. João Melo é conhecido por suas poesias e toadas, que refletem a cultura e a história indígena. Ele é um dos responsáveis por algumas das mais belas toadas de Caprichoso e Garantido, e lançou seu terceiro livro de poesias, "Campo das águas"

Biografia do compositor Inaldo Medeiros

Inaldo Roberto de Medeiros Cursino, conhecido como Inaldo Medeiros, e graduado em administração de empresas, pela Universidade de Tocantins. Desde os quinze anos de idade já fazia composições musicais. Em sua história, compos músicas para livros do primário, começou a aprender tocar violão ainda cedo, estudou em colégio interno e participava de grupos musicais. É compositor de toadas do boi bumbá Garantido desde o ano de 1986, tendo mais de cem músicas gravadas. Faz composições de temas carnavalescos, políticos, aniversários e produz jingles comerciais para estúdios. Em suas toadas registra os momentos históricos do boi e retrata a temática da natureza, temáticas e de desafio. Algumas de suas obras: *Boi de pano, não mate a vida, rosa vermelha, a cor da criação*.

Biografia de Tony Medeiros

Nome artístico de João Wellington de Medeiros Cursino, nasceu em 2 de novembro de 1964, em Parintins, Amazonas. É cantor, compositor, poeta popular, arte-educador, político, e amo do boi Garantido por 20 anos, reconhecido como uma das figuras mais influentes da cultura amazônica. Formou-se em técnico em agropecuária e graduou-se em Educação Artística com habilitação em música pela universidade Federal do Amazonas (UFAM), além de possuir pós-graduação em Tecnologia da Educação. Iniciou sua carreira artística em 1985, fundando o grupo Ajuri, com o qual venceu o 4º Festival da Canção de Parintins. Na política, Tony foi presidente da Fundação Villa Lobos e secretário de Cultura da Prefeitura de Manaus. Elegeu-se deputado estadual e atuou em comissões relacionadas a cultura, meio ambiente e desenvolvimento regional. Foi vice-prefeito de Parintins em 2021. É um dos mais respeitados compositores do estado do Amazonas com músicas que retratam o cotidiano e as tradições dos povos indígenas.

As toadas, as canções do festival

As toadas expressam o cotidiano do nortista, trazendo os mitos, as lendas, e de toda a conjuntura vinda dos antepassados sejam eles indígenas, negros e brancos. Sobre o ímpeto indígena, as canções falam das etnias, que envolvem os rituais, as figuras da região entre outros. Essas canções são as composições elaboradas pelas agremiações dos bumbas, pelos compositores, pesquisadores, indigenista e folcloristas. Trazendo os versos referentes a aspectos individuais e coletivos que tratam as questões etnográficas, culturais

e territoriais da amazônia, de acordo como o boi direcionam em relação ao tema escolhido durante o ano para o espetáculo no bumbódromo. A partir do anos 2000 ate os dias de hoje, as toadas continuam a retratar temas sobre os costumes e tradições dos povos da amazônia. Etnias como os Mundurucu, Satere Mawe, Yanomami são viabilizadas nas canções agregando detalhamentos de sua cultura, cosmologias, resistências e lutas.

Nas toadas pesquisadas, foram catalogadas quatro composições de cada boi bumbá:

Boi Bumbá Caprichoso			Boi Bumbá Garantido		
Album (Ano)	Toada	Compositor(res)	Album (Ano)	Toada	Compositor(res)
A arte de folclorear (1993)	Guerreiro Sateré	Ronaldo Barbosa	Garantido 95	Índio - Uma viagem à amazônia	Emerson Maia
Criação cabocla (1996)	Vale do Javari	Ronaldo Barbosa / João Melo Faria	Tambores do tempo (1997)	Terra de índio	Tony Medeiros
O brado do povo guerreiro (2023)	Hutukara Yanomami – Um Canto Para Davi Kopenawa	Ronaldo Barbosa	Garantido 2001 (2001)	Nações extintas	Sidney Rezende / João Melo
O brado do povo guerreiro (2023)	Brasil - Terra indígena	Gerlean Brasil / Saimon Andrade / Kássia Muniz	Amazônia, coração brasileiro (2004)	Índio do Brasil	Demetrios Haidos / Geandro Pantoja

Sob análise, as toadas mas atuais falam de denúncia, de luta e resistência, em comparação com as antigas que exaltaram a presença indígena, seu cotidiano, suas cosmologias, a relação como chegada do homem branco, e também da visão dos produtores (visão pessoal, de experiência, de ímpeto empírico, de influências dentro e fora das agremiações.). As quatros primeira do boi Caprichoso e as outras do boi Garantido.

Em Guerreiro Sateré (A arte de folclorear 1993) a imagem central é do índio mateiro mostrando sua habilidade ao flechar certo o peixe. É a exaltação do caçador/pescador e seu local, as matas e os rios. E uma celebração da identidade do povo Sateré-Mawé, fixando-o como figura central da cultura amazônica. A toada destaca a

dupla maestria do indivíduo Sateré, sendo ele simultaneamente o "remador" que navega com sua "igara entrando no igarapé" e o "caçador" que domina a mata com "arco e flecha".

Em Vale do Javari - Criação cabocla (1996) O compositor trazem uma exaltação detalhada ao Vale do Javari¹, região importante na Amazônia. É abordado a confluência dos rios Javari, Ituí, Curuçá, Itacoai e, sobretudo, a rica tapeçaria de povos indígenas que ali residem, como os Mayoruna-Curuçá, Kulina, Marubo, Matis, Korubo e Kanamaris. O Vale é descrito como um "Berço bravo" e uma "Pérola", reconhecendo tanto a beleza natural quanto a ferocidade necessária para a sua sobrevivência. A canção trás as características étnicas o "riso dos Matis", a "arte dos Marubos", o "cacete dos Korubos" e o "grito de guerra dos Kanamaris, que juntas nos repassa uma comunidade vibrante e complexa. Em Hutukara Yanomami – Um Canto Para Davi Kopenawa (O brado do povo guerreiro) (2023) temos uma letra atual que viabiliza o grito de identidade e resistência do povo Yanomami, reafirmando sua existência e a impossibilidade de calar sua voz. Essa canção tras um líder o Davi Kopenawa:

Davi Kopenawa nasceu em 18 de fevereiro de 1956 na aldeia de Marakana, localizada na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Desde jovem, ele enfrentou as consequências devastadoras do contato com não indígenas, que resultaram na dizimação de sua comunidade por doenças trazidas por missionários e autoridades brasileira. Ele denuncia o sofrimento causado pela fome e, principalmente, pela ameaça do garimpo ilegal que destrói sua terra e floresta e afeta seus rituais sagrados (Xapiripês, Reahú). Nesse sentido de lutar a letra traz o clamor pela preservação de “Hutukara”, sua terra-mãe e aldeia, expressa o “medo do fim” para a comunidade e as crianças, e faz um apelo a “Omama” (o criador). É uma promessa de luta para defender a vida e evitar a catástrofe global como mostrado no trecho "Não deixarei o céu cair", demonstrando dor e compromisso inabalável com a terra.

Nessa mesma pegada, a toada Brasil - Terra indígena ((O brado do povo guerreiro - 2023). É uma declaração de guerra cultural e social dos povos indígenas. Ele se define pelo "brado" forte que simboliza revolução, luta, dança, canto e arte indígena. É um

¹ O Vale do Javari é um dos maiores territórios indígenas do Brasil, localizado no extremo oeste do estado do Amazonas, próximo à fronteira com o Peru. A Terra Indígena Vale do Javari abrange 8.544.482 hectares de floresta equatorial densa e é habitada por povos indígenas como Mayoruna/Matsés, Matis, Marubo, Kulina Pano, Kanamari, Korubo e Tsohom Dyapá. A região é conhecida por sua rica biodiversidade e diversos rios navegáveis, incluindo o Javari, Curuçá, Ituí, Itacoai e Quixito. É um local de autossuficiência e recusa qualquer contato com a sociedade externa, sendo monitorado por avião e satélite.

manifesto de que a voz indígena não se calará diante da violação de seus direitos, ecoando a busca por justiça social.

O foco é o Território Indígena, a Amazônia e o Brasil Ancestral, que são a base da resistência contra a violência colonial trazendo essa crítica para modelo de "progresso genocida" que vê a floresta apenas como "hectares", ignorando o valor das árvores milenares e a vida. Nesse sentido mensagem central é que a pátria pertence aos povos indígenas ("Antes da coroa existia o cocar!"). É um clamor pela vida e pela proteção da Mãe Terra (Amazônia), que está sendo "sangrada e saqueada". O brado é, em sua essência, a luta pela existência contra a opressão.

Em índio - Uma viagem à amazônia - Garantido 95, ecoa a voz resumida e potente de um índio que se define como guerreiro e feiticeiro, mas cujo desejo é a paz na Terra. Ele clama pelo direito de viver em harmonia com a Natureza, essencial para sua sobrevivência e sua cultura: as matas para caçar e o rio para pescar. Há uma crítica direta e dolorosa ao "branco", que tirou o encanto e o esplendor da floresta, deixando "quase nada" ao indígena. O apelo é por respeito e limites, pedindo para ser deixado em paz para que possa ver seu filho crescer e manter sua nação. O índio rejeita o "saber" do homem branco que lhe causa sofrimento, afirmando ter tudo de que precisa na beleza e sabedoria da Mãe Natureza para sobreviver.

E um manifesto pela preservação cultural e territorial, exigindo paz, respeito aos limites e a rejeição de uma intervenção externa que destrói a vida tradicional. A toada "Oh, Índio!", interpretada aqui em Terra de índio - Tambores do tempo 97, é uma homenagem e exaltação à figura do índio como dono do seu lugar. A letra tras esses reconhecimento da história de apagamento sofrida pelos povos indígenas, mas afirma que o folclore do boi-bumbá Garantido resgata e ecoa o canto e o grito de guerra dessa "gente guerreira". Há uma profunda ligação entre o índio e a natureza "Mãe natureza chorou" e a luta pela preservação da terra "Longe das queimadas", expressando o desejo de ver a comunidade feliz e a beleza que nasce do amor e da luz do criador, apesar das tristezas históricas.

Já Nações extintas (2001) é um lamento poético e político sobre a colonização do Brasil e o conseqüente genocídio e espoliação dos povos indígenas. A obra inicia descrevendo a condição atual dos nativos como de completo desamparo "Sem terra, sem teto, sem grão", contrastando-a com o "destino de índio feliz" de um passado paradisíaco. A chegada do colonizador ("caos e cruz") trouxe violência e armas "fogo Kariwa, arcabuz mañuçawa", destruindo essa ordem ancestral. O ponto central do texto é a dolorosa

enumeração de dezenas de nomes de povos, rios e terras indígenas como Pariana, Manaós, Tarumã, Buraí. Essa repetição serve como um inventário de tudo o que foi perdido e um grito de memória. Mas se tem uma atenção minuciosa no refrão que expressa o trauma central: "Minha terra mãe / Não te tenho mais / Tudo o quanto amei / Branco já tomou". Em suma, o poema é uma poderosa denúncia da usurpação da terra e da identidade dos povos originários, sendo ao mesmo tempo um ato de resistência ao reafirmar a existência e a memória dos nomes roubados.

Índio do Brasil - Amazônia, coração brasileiro (2004) é uma toada que é bastante estudada porque sua letra traz um manifesto de identidade e resistência indígena frente à exploração histórica. O "eu lírico"² se posiciona como a própria essência da Amazônia ("Sou igara", "Sou a seiva dessas matas"), vivendo em harmonia, mas lamenta a chegada do "kariwa invasor" o não-índio, o branco, que trouxe a destruição "Desbotando o verde", "Garimpendo o leito". A mensagem central é a resistência contínua, simbolizada pela menção a diversas etnias, artefatos e manifestações culturais (cerâmica Marajoara, plumária caiapó, muiiraquitã, arco Mundurukú, etc.). Essas referências ilustram a riqueza da herança indígena que pulsa há "cinco séculos de exploração". O refrão "Canta índio do Brasil" é um chamado à celebração e ao reconhecimento dessa força cultural, reivindicando a posição do indígena como "mãe gentil" e filho original da pátria.

De modo geral as toadas catalogadas e escolhidas fazem parte de um grande acervo dos boi de Parintins, a parte da melodia traz trabalhos ricos, árduos e contínuos, e contextualizando sobre a questão cultural, como ela está em constante transformação faz com essas produções sejam reestabelecidas, mas sempre atreladas ao contexto dos povos indígenas. A importância está no "representar" dentro e fora do bumbódromo, como lidar com a devolutiva interna e externa dessas produções, o que precisa ser tirando como pontos críticos e reflexivos sobre como o indígena é representado e como os que reproduzem se inspiram para fazer essas toadas.

Toadas

Caprichoso

Guerreiro Satere (A arte de folclorizar 1993)

Eu vi

Eu vi um índio mateiro

Flechando certo um peixe no rio

² Voz que enuncia poema, uma canção, uma toada.etc

Caçador, pescador
Flor neste aquário surgiu
Eu vi

Eu vi um índio mateiro
Flechando certo um peixe no rio
Caçador, pescador
Flor neste aquário surgiu
Eu vi

Vejo uma igara entrando no igarapé
Remador, índio Sateré-Mawé
Índio, canoeiro, remador, pescador
Índio Sateré-Mawé

Índio que entra na mata
Com arco e flecha é caçador
Índio nos igarapés na beira do rio
É pescador, remador
Índio Sateré-Mawé

Índio que entra na mata
Com arco e flecha é caçador
Índio nos igarapés na beira do rio
É pescador, remador
Índio Sateré-Mawé

Ô, ô, ôôô, hei, hei, hei
Ô, ô, ôôô, hei, hei, hei
Índio Sateré-Mawé

Ô, ô, ôôô, (hei, hei, hei)
Ele tem a pureza da flor
Ô, ô, ôôô, (hei, hei, hei)
Ele é filho do pai criador
Índio Sateré-Mawé

Vale do Javari - Criação cabocla (1996)

Javari Ituí
Javari Curuçá
Javari Itaquaí
Bacia dos belos Matsuí
Berço bravo dos Mayoruna-Curuçá
Sina feliz dos Kulina Itaquaí
Braço forte dos Marubo Javari
Cacete de morte dos Kixitos Kaniuá, ah, ah, ah

Vale do Javari
Vale das madeiras
Pérola, ah, ah, ah
Palmeiras do Javari
Dos índios arredios
Pérola, ah, ah, ah

Nada vale como um vale de lágrimas
Vale pela vida, pelo sangue dos Mayorunas

Pelo riso dos Matis
Pelo viço dos Kulinas
Pela arte dos Marubos
Pelo cacete dos Korubos
Pelo grito de guerra, ah, ah
Pelo grito de guerra, ah, ah
Dos Kanamarís

Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Iê-iê

Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Iê-iê

Remate dos males
Atalaia do Norte
Estirão do Equador

Pelo riso dos Matis
Pelo viço dos Kulinas
Pela arte dos Marubos
Pelo cacete dos Korubos
Pelo grito de guerra, ah, ah
Pelo grito de guerra, ah, ah
Dos Kanamarís

Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Iê-iê

Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Iê-iê

Javari Ituí

Javari Curuçá
Javari Itaquaí
Bacia dos belos Matsuí
Berço bravo dos Mayoruna-Curuçá
Sina feliz dos Kulina Itaquaí
Braço forte dos Marubo Javari
Cacete de morte dos Kixitos Kaniuá, ah, ah, ah

Vale do Javari
Vale das madeiras
Pérola, ah, ah, ah
Palmeiras do Javari
Dos índios arredios
Pérola, ah, ah, ah

Nada vale como um vale de lágrimas
Vale pela vida, pelo sangue dos Mayorunas

Pelo riso dos Matis
Pelo viço dos Kulinas
Pela arte dos Marubos
Pelo cacete dos Korubos
Pelo grito de guerra, ah, ah
Pelo grito de guerra, ah, ah
Dos Kanamarís

Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Iê-iê

Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê

Remate dos males
Atalaia do Norte
Estirão do Equador

Pelo riso dos Matis
Pelo viço dos Kulinas
Pela arte dos Marubos
Pelo cacete dos Korubos
Pelo grito de guerra, ah, ah
Pelo grito de guerra, ah, ah
Dos Kanamarís

Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Ê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê, ê, ê, iê-iê
Iê-iê

Hutukara Yanomami – Um Canto Para Davi Kopenawa (O brado do povo guerreiro) (2023)

Yanomami eu sou
É tudo o que sou
E ninguém poderá calar
A minha voz

Yanomami sem nome
Eu vivo a fome
Na terra-floresta terminal

Xapiripês no canto
Reahú em prantos
Na xawara desse ouro canibal

Para Yanomami
Hutukara é nossa aldeia
Para Yanomami
Hutukara é nossa terra-mãe

Meus dias estão chegando ao fim
Eu e meu curumim
Omama se eu te esquecer
Não te esqueças de mim

Eu ouço a tua voz (óh-óh-óh-óh)
Não deixarei o céu cair
Eu sinto a tua dor (óh-óh-óh-óh)
E não te deixarei jamais

Eu ouço a tua voz (óh-óh-óh-óh)
Não deixarei o céu cair
Eu sinto a tua dor (óh-óh-óh-óh)
E não te deixarei jamais

Yanomami, Yanomami, Yanomami, Yanomami
Yanomami
Yanomami, Yanomami, Yanomami, Yanomami
Yanomami

Yanomami!
(Ôôôô)

Brasil - Terra indígena ((O brado do povo guerreiro - 2023)
(Hey, ha-ha-hey, ha)

(Hey, ha-ha-hey, ha)

Meu brado é forte e treme o chão
Meu brado faz revolução
Meu brado é luta indígena
É dança, é canto indígena
É guerra! É luta! É arte! É festa!

(Herauê, rauê, rauê, rauê)
(Herauê, rauê, rauê, rauê)

Se meu direito é violado
Minha voz não calará
Ecoará (ecoará)
Eu luto por justiça social
Meu canto pelo tempo retumbará

Território indígena
Amazônia indígena
Meu Brasil indígena
Terra ancestral

Somos resistência
Pela existência
Contra a violência colonial

Somos filhos da mesma mãe
Ameaçada, sangrada e saqueada
Que suplica liberdade e esperança
Nosso clamor é pela vida
Flecha o progresso genocida
Pela proteção
Árvores e troncos milenares
Enquanto a ignorância
Enxerga somente os hectares

(Toca esse tambor)
(Pro mundo ressoar)
(Manifesto é o brado)
(Na festa do boi-bumbá)

Essa pátria pertence aos povos indígenas
Antes da coroa existia o cocar!

(Auê, harauê)
(Auê, harauê)
(Ôô, ô-ô-ôô)

Território indígena
Amazônia indígena
Meu Brasil indígena
Terra ancestral

Somos resistência
Pela existência
Contra a violência colonial

Somos resistência
Pela existência
Contra a violência colonial

(Hey, hey, hey, hey, hey, hey, hey)

Garantido

Índio - Uma viagem à amazônia - Garantido 95

Eu sou um índio
Sou um índio guerreiro
Sou também feiticeiro
Mas eu não quero guerra
Quero a paz na terra
A selva pra caçar
E o rio pra pescar
Eu sou um índio
Pense nisso seu branco
Já tiraste o encanto
O esplendor da floresta
Quase nada me resta
Eu só quero viver
Ver meu filho crescer
Me deixe em paz seu moço
Ou eu fico louco
Respeite os limites pra manter minha nação
Não preciso do seu saber
Por que isso me faz sofrer
Eu já tenho a beleza
Da mãe natureza pra sobreviver

Terra de índio - Tambores do tempo 97

Oh, Índio!
Demarque esta terra
Pro meu boi dançar
És dono de toda floresta
Do rio e do mar

Oh, gente guerreira!
Que a história do branco apagou
Mas o meu boi Garantido
O teu canto entoou

Quero teu canto
Dançando pela vaqueirada
E ver a tua terra aos teus pés
Longe das queimadas

E a galera vibrando
E cantando
É tua gente feliz
Índio. És dono da terra
É a terra quem diz

Índio ouvi teu grito de guerra
No calor da floresta
Mãe natureza chorou
Mas essa tamanha tristeza

Não tira a beleza
Que vem do amor
E o Sol brilha no firmamento
E explode no peito a luz do criador

Índio ouvi teu grito de guerra
No calor da floresta
Mãe natureza chorou
Mas essa tamanha tristeza

Não tira a beleza
Que vem do amor
E o Sol brilha no firmamento
E explode no peito a luz do criador

Nações extintas (Garantido 2001)

Sem terra, sem teto, sem grão
Sem alma, sem rota a nação
Nos primórdios do mundo de Deus
Das tabas, florestas sem fim
Destino de índio feliz
Mas dias chegou caos e cruz

O fogo Kariwa, arcabuz mañuçawa
Minha terra mãe
Pariana, Juruena, Cayarí
Não te tenho mais
Yabarana, Manaós, Aguarás
Tudo o quanto amei
Pirayuri, Tarumã, Condorí
Branco já tomou
Guanapuri, Mariáia, Guanamã
Minha terra mãe
Yamaruá, Uepurí, Gepuá
Não te tenho mais
Araazes, Baanary, Quimaú
Tudo o quanto amei
Yoriman, Buraí, Apirá
Branco já tomou
Cocuena, Managú, Caniarí
Minha terra mãe
Aguayra, Guarinuma, Ararawá
Não te tenho mais
Caratú, Waupés, Juruparí
Tudo o quanto amei
Jacamin, Cayana, Acebarí
Branco já tomou
Aragatú, Zapucaia, Barés
Ô Ô Ô Ô Ô

Índio do Brasil - Amazônia, coração brasileiro (2004)

Sou igara nessas águas
Sou a seiva dessas matas
E o ruflar das asas de um beija-flor

Eu vivia em plena harmonia com a natureza
Mas num triste dia o kariwa invasor
No meu solo sagrado pisou
Desbotando o verde das florestas
Garimpando o leito desses rios

Já são cinco séculos de exploração
Mas a resistência ainda pulsa no meu coração
Na cerâmica Marajoara, no remo Sateré
Na plumária ka'apor, na pintura kadiwéu
No muiraquitã da icamiaba

Na zarabatana Makú, no arco Mundurukú
No manto Tupinambá, na flecha kamayurá
Na oração Dessana

Canta índio do Brasil
Canta índio do Brasil
Canta índio do Brasil
Canta índio do Brasil

Anauê nhandeva, anauê hei, hei, hei
Anaue nhandeva Anaue hei, hei, hei

Dos filhos deste solo és mãe gentil pátria amada Brasil

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a época da colonização, os povos originários passaram por um processo brutal de extermínio, perda de terras, escravidão e massacres além de terem suas histórias negada sobre o olhar eurocêntrico. Suas lutas na contemporaneidade, e uma luta de resistência pela sobrevivência, pela preservação de suas culturas e identidades, e principalmente pelo respeito aos seus direitos e de reparação. E preciso fazer um sobrevoo com “ debates e pensamentos críticos ” sobre um tema vasto, mas que pouco explorado, e esclarecer para que não haja confusão visando o âmbito das pesquisas, divulgando nos meios acadêmicos e de comunicação, para entender o indigenismo como sendo uma ponte para buscar a compreensão sobre a luta indígena através do próprio indígena e do não indígena, tais questões essas como e o caso da preservação da diversidade cultural. No entanto é fundamental que a sociedade brasileira e o Estado reconheçam e respeitem os direitos, para garantir sua dignidade.

No sentido cultural percorrido em relação ao festival dos bois bumbas da cidade de Parintins - AM, o evento trás através dos compositores, de suas produções no caso as toadas, o indigenismo nessas letras buscando dar ênfase as suas representações, essa representação como um elemento central da identidade cultural, ao mesmo tempo, objeto de celebração, valorização e debate crítico que reconhece a importância dos povos indígenas para a identidade amazônica e brasileira, dedicando um espaço de destaque à sua representação, embora o modo como isso é feito continua a ser um tema de reflexão e aprimoramento contínuo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Maria Laura V. C. **Rivalidade e afeição**. Rio de Janeiro: Autografia; Manaus: Ed. UEA, 2023.

NAKANOME, Ericky. **A representação do indígena no Festival de Parintins**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais – Linha de Pesquisa: História e Teoria da Arte) Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **Boi-Bumbá: Evolução** – Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006.

SILVEIRA, Diego Omar. **“Nada será como antes”**: legados do indigenismo religioso no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2024.

SILVEIRA, Diego Omar; Sena, Roberto (org.). **O livro da toada**: uma antologia Caprichoso. 2º ed. (rev. e amp.). Manaus: Editora UEA; Rio de Janeiro: Autografia, 2024.
SOUZA, Márcio. **Os índios vão a luta**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1981 (Coleção Dois Pontos; v. 2).

LETRAS.MUS.BR. **Boi Caprichoso: discografia**. [S.l.], c2003-2025. Disponível em: <http://www.lettras.mus.br/caprichoso/discografia/>. Acesso em: 3 dez. 2025.

LETRAS.MUS.BR. **Boi Garantido: discografia**. [S.l.], c2003-2025. Disponível em: <http://www.lettras.mus.br/garantido/discografia/>. Acesso em: 3 dez. 2025.

RONALDO BARBOSA - AZUL CAPRICHOSO. **Cultura Popular e Composição Amazônica**. [S.l.], [2024]. Disponível em: <https://ronaldobarbosa.org/sobre>. Acesso em: 3 dez. 2025.

FARIAS, João Melo. **O legado cultural de João Melo Farias**. Portal Único, Manaus, 15 jan. 2024. Disponível em: <http://www.portalunico.com.br/joao-melo-farias-legado>. Acesso em: 3 dez. 2025.

GOMES, Letícia Vilarinho; NASCIMENTO, Mayara Gloria Rael de Oliveira. **Festival Folclórico de Parintins: uma análise teórica das influências culturais indígenas**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 17., 2021, Salvador. **Anais do XVII Enecult**. Salvador: UFBA, 2021. p. 1-13. Disponível em: <[\[132193.pdf\]](#)>. Acesso em: 3 dez. 2025.

FESTIVAL DE PARINTINS.Disponível em: <https://festivaldeparintins.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2025.